

IDEAU

**MAL-ESTAR DOCENTE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
REFLEXÕES DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**TEACHER MALAISE AND INCLUSIVE EDUCATION:
REFLECTIONS FROM PHYSICAL EDUCATION TEACHERS**

**MALESTAR DOCENTE Y EDUCACIÓN INCLUSIVA:
REFLEXIONES DE PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA**

Rafael de Lima Magalhães

Doutorando em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: rafinhamag@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5535-7048>

Tatiana Martins Terragno

Doutoranda em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: tatiterragno@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8122-5639>

Elisandro Schultz Wittizorecki

Doutor em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: elisandro.wittizorecki@ufrgs.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7825-0358>

RESUMO

Este artigo, de natureza ensaística e fundamentado em uma abordagem teórico-reflexiva, discute as manifestações do mal-estar docente frente às demandas da Educação Inclusiva, especialmente no contexto da disciplina de Educação Física. A metodologia adotada pauta-se na escrita implicada e situada, construída a partir da articulação entre as vivências profissionais dos(as) autores(as) e no diálogo referenciado por diversos autores da Psicanálise e da Educação, como Freud (2010), Voltolini (2011), Pereira (2017), Fanizzi (2023), entre outros. As reflexões são atravessadas por experiências em escolas públicas e privadas, espaços formativos e escutas espontâneas de professores(as) de Educação Física, realizadas em contextos de trabalho e em rodas de conversa. Entre os principais resultados, destacam-se: o impacto das políticas educacionais e do discurso medicalizante no cotidiano docente; o esvaziamento simbólico da profissão; e a precariedade das condições de

DOI:10.55905/reiv5n2-005

Submitted on: 7.2.2025 | Accepted on: 7.10.2025 | Published on: 7.18.2025

trabalho como fatores que intensificam o sofrimento psíquico dos(as) professores(as). O estudo defende a importância de dispositivos de escuta e de formação continuada como estratégias potentes para o enfrentamento do mal-estar docente e para a promoção de uma Educação Inclusiva mais sensível às singularidades.

Palavras-chave: Mal-Estar Docente. Educação Física. Educação Inclusiva. Formação de Professores.

ABSTRACT

This essay-like article, based on a theoretical-reflective approach, discusses the manifestations of teacher discomfort in the face of the demands of Inclusive Education, especially in the context of Physical Education. The methodology adopted is based on implied and situated writing, constructed from the articulation of the authors' professional experiences and the dialogue referenced by various authors in Psychoanalysis and Education, such as Freud (2010), Voltolini (2011), Pereira (2017), Fanizzi (2023) among others. The reflections are informed by experiences in public and private schools, training spaces, and spontaneous listening of Physical Education teachers, conducted in work contexts and in discussion groups. Among the main findings are: the impact of educational policies and medicalizing discourse on the daily life of teachers; the symbolic emptying of the profession; and the precariousness of working conditions as factors that intensify teachers' psychological distress. The study defends the importance of listening devices and ongoing training as powerful strategies for addressing teacher malaise and promoting Inclusive Education that is more sensitive to singularities.

Keywords: Teacher Malaise. Physical Education. Inclusive Education. Teacher Training.

RESUMEN

Este artículo, de tipo ensayo y con un enfoque teórico-reflexivo, analiza las manifestaciones del malestar docente ante las demandas de la Educación Inclusiva, especialmente en el contexto de la Educación Física. La metodología adoptada se basa en la escritura implícita y situada, construida a partir de la articulación de las experiencias profesionales de los autores y el diálogo referenciado por diversos autores del Psicoanálisis y la Educación, como Freud (2010), Voltolini (2011), Pereira (2017), Fanizzi (2023), entre otros. Las reflexiones se nutren de experiencias en escuelas públicas y privadas, espacios de formación y la escucha espontánea de docentes de Educación Física, llevadas a cabo en contextos laborales y en grupos de discusión. Entre los principales hallazgos se encuentran: el impacto de las políticas educativas y el discurso medicalizador en la vida cotidiana del profesorado; el vaciamiento simbólico de la profesión; y la precariedad laboral como factores que intensifican el malestar psicológico docente. El estudio defiende la importancia de los dispositivos de escucha y la formación continua como estrategias eficaces para

abordar el malestar docente y promover una Educación Inclusiva más sensible a las singularidades.

Palabras clave: Malestar Docente. Educación Física. Educación Inclusiva. Formación de Profesores.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo emergiu da experiência profissional e acadêmica dos autores, envolvidos com a formação de professores(as) e a atuação na educação básica, na disciplina de Educação Física. A partir de análises teóricas iniciais sobre o mal-estar docente e a Educação Inclusiva nas escolas públicas e privadas da rede básica de Porto Alegre, este ensaio teórico objetiva refletir sobre o tema, a partir das contribuições da Psicanálise e do que se escuta de professores(as) de Educação Física nas rotinas docentes. Ao nos aproximarmos da temática, passamos a compreender que o mal-estar é uma manifestação que vem sendo estudada há muitas décadas. Entretanto, ao longo dos últimos anos, com o avanço das tecnologias e sua inserção no cotidiano da sociedade para além de outras questões sociais, como o racismo estrutural, questões de gênero e sexualidade na escola e demandas da Educação Inclusiva, o mal-estar foi se apresentando de diversas formas, como um cansaço físico e mental, desejos de abandono da carreira e aumento do afastamento do trabalho por licença-saúde. Nesse sentido, podemos chamar atenção para a obra clássica de Bauman (1998) intitulada *O mal-estar da pós-modernidade*, que apresenta conceitos relevantes sobre o tema e na qual o autor afirma que o mundo pós-moderno não é imóvel, estamos sempre em movimento, o que por si só gera desconfortos.

O desejo de discutir sobre o tema deste artigo fundamenta-se a partir das provocações das reflexões apresentadas ao longo do seminário “Psicanálise, Educação e Política na Universidade e na Cidade”, organizado por docentes, psicanalistas e pesquisadores(as) de diversas universidades brasileiras. Esse seminário, caracterizou como uma disciplina eletiva no curso de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura (PPGCLIC), da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizada no segundo semestre de 2024. Além disso, a pesquisa de doutorado do primeiro autor tem como tema a investigação do mal-estar docente, a partir da teoria freudiana que afirma ser o mal-estar parte da condição da vida humana (Freud, 2010).

Portanto, abordaremos a temática do mal-estar na educação e a dimensão sociopolítica do sofrimento na formação de docentes para Educação Inclusiva. O diálogo será referenciado por diversos(as) autores(as) da Psicanálise e da Educação, por compreendermos que estes assumem uma função compositiva na produção de conhecimento e que sustentam as experiências docentes em Educação Física dos(as) autores(as), que trabalham em escola pública estadual, escola da rede privada e Universidade Pública Federal no Município de Porto Alegre.

Partimos de três questionamentos: reconhecer e nomear o mal-estar pode contribuir para elucidar questões apresentadas no cotidiano das escolas a partir do que é imprevisto e singular? A escola, enquanto lugar de desdobramento de experiências de vida e de aprendizagens, pode se sustentar como um local onde o mal-estar seja acolhido e não reduzido a uma lista de diagnósticos? Como tornar-se uma escola inclusiva frente às diversidades existentes nos grupos escolares?

Este artigo configura-se como um ensaio teórico, construído a partir da articulação entre vivências profissionais dos(as) autores(as) e referenciais teóricos, especialmente da Psicanálise e da Educação. Diferentemente de uma pesquisa empírica com delineamento formal e procedimentos sistemáticos de coleta e análise de dados, optamos por um percurso metodológico que privilegia a escrita reflexiva.

As reflexões aqui apresentadas são atravessadas pelas experiências dos(as) autores(as) em diferentes espaços educativos — escolas públicas e privadas, formação inicial e continuada de professores(as) e disciplinas dos programas de pós-graduação.

Ademais, as contribuições aqui sistematizadas dialogam com falas, desabafos e inquietações compartilhadas por professores(as) de Educação Física da rede básica de ensino em Porto Alegre, com os(as) quais os(as)

autores(as) convivem em espaços formativos e escolares. Essas escutas ocorreram de forma espontânea, em contextos de atuação profissional e em rodas de conversa, e não foram registradas ou analisadas de forma sistemática. Ainda assim, servem como matéria sensível para a reflexão e para a problematização das condições de trabalho docente, funcionando como disparadores ético-políticos que alimentam o presente ensaio.

Portanto, este texto assume a forma de um ensaio implicado, no qual a escrita não se pretende neutra ou objetiva, mas situada e comprometida com os sujeitos e com os atravessamentos que constituem o mal-estar docente. Como aponta Santos (2020), pensar o mal-estar a partir da Psicanálise exige reconhecer o lugar do sujeito e a complexidade do laço social, recusando soluções generalizantes ou diagnósticos fechados.

Deste modo, nos próximos capítulos temos a pretensão de responder a tais questionamentos, além de abordarmos de modo mais detalhado o mal-estar e sofrimento docente, bem como os desafios existentes da Educação Inclusiva na disciplina de Educação Física, através das experiências docentes dos(as) autores(as). Com essa explanação, ao final do texto teremos maior entendimento do tema, mas sem a pretensão de encontrar respostas para esse objeto de estudo, apenas com a intensão de estimular novas reflexões e pesquisas para contribuir com o debate.

2 PROFISSÃO DO SOFRIMENTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE MAL-ESTAR E SOFRIMENTO DOCENTE

Como professores(as), lidamos com o ofício impossível de educar (Pereira, 2013). Nesse sentido, os estudos do professor Marcelo Ricardo Pereira (Pereira, 2017; Pereira, 2006) apontam que, na Psicanálise e na Educação, estão envolvidas faces do impossível e da impotência, que além do já citado educar, também abrangem o governar e o curar. No seu livro sobre o mal-estar na cultura, publicado originalmente em 1929, Freud (2020) identificou três fontes principais de mal-estar humano, que são: a natureza, o corpo e a relação com os outros. Ainda assim, nos questionamos quais seriam as principais fontes de

mal-estar? Será que a relação consigo e com seu corpo não aparece e não é narrada por um temor, vergonha ou, ainda, negação de falar de si? Podemos supor que ao expormos nossos males, estamos desmascarando nossas falhas, o que, em muitos casos, é difícil de admiti-los?

Percebemos que dizer ou ouvir que professores(as) sofrem se tornou algo recorrente nos espaços escolares e nas redes sociais, entretanto, como esse sofrimento é vivido e narrado? O tema do mal-estar docente vem sendo pesquisado e apresentado há muito tempo por diversos(as) autores(as) – desde Freudenberger (1974), passando por Esteve (1994), Santini e Molina Neto (2005) até Barbosa *et al.* (2021), Fanizzi (2023) e Kuhn, Taube e Carlotto (2024) –, e, na atualidade, está cada vez mais em voga. Assim, compreendemos o mal-estar docente como algo que não se reduz a diagnósticos e prescrições (Santos, 2020), pois vivemos em um contexto social, político e educacional no Brasil, que, nos últimos anos, vem exigindo novos posicionamentos do campo da educação. Em nosso cotidiano nas escolas, reconhecemos sintomas sociais que se apresentam nas questões educacionais atuais e que se entrelaçam com as competências socioemocionais dos(as) professores(as).

Ao estudarmos a escola, a docência e os meandros que envolvem este universo, podemos dialogar sobre alguns pontos relevantes. Ao resgatarmos o conceito da palavra “escola”, vemos que ela deriva do grego “*skholé*” e significa “lugar do ócio”, “tempo ocioso” (Almeida; Jesus, 2024). Aqui, vale uma ressalva, pois a relação dos gregos para com o ócio significava um tempo para o aprendizado, condição necessária para a existência do campo intelectual ou, ainda, um tempo livre e liberto das urgências do mundo. Porém o que identificamos hoje é a escola vista como negócio (neg = negar + ócio, ou seja, negar o ócio), atravessado pela lógica capitalista (Faria; Sánchez, 2024). Portanto, a escola como instituição humana preserva rituais próprios que se mantêm ao longo dos tempos. Fundamentalmente neoliberal, impõe o currículo escolar como corrida e enquadramento dos comportamentos com a expectativa de que todos sejam iguais não havendo tempo para o ócio e para a diversidade. Atarefados(as) e em constante produção, estudantes e professores(as) desafiam os sintomas sociais sem conseguir resguardar espaço e tempo para a

incompletude e a imprevisibilidade como elementos constitutivos da ação pedagógica.

Consideramos importante olhar para a afirmação de Coutinho, Amaral e Lanzetta (2023) sobre a escola ser um ambiente em que se manifestam sofrimentos psíquicos apresentados pelos(as) adolescentes, por meio de comportamentos auto lesivos, como encontrados nos seus estudos de caso. Ao trazermos tal referência, chamamos a atenção para os motivos que levam os(as) adolescentes a vivenciarem esse sofrimento, por mais que sejam diferentes dos motivos da classe docente; são dois atores da escola que apresentam os mesmos desfechos, ou seja, encontram ferramentas – por vezes autoagressivas – de aliviarem esses mal-estares, visto seus sentimentos de solidão e falta de escuta. O mal – entendendo esse mal por um conceito filosófico – afeta todos(as), sendo algo instituído, inscrito, narrado (Ricoeur, 1988).

Ao resgatar alguns conceitos de prazer e dor da filosofia, compreendemos que o estado de alegria e felicidade é um breve acontecimento entre uma dor e outra (Ravaneli; Brígido, 2023) e o sofrimento é algo inerente ao viver nesse mundo. Dessa forma, o mal-estar seria o que vivemos diariamente, não sendo possível escapar a isso ou extingui-lo, constituindo uma experiência fundamental da condição humana.

No entanto, a partir desse entendimento, o mal-estar docente pode ser pensado como manifestação social produzida no laço social, que na escola pública ganha considerável proporção ao reconhecermos as inúmeras ausências vigentes, que, neste escrito, reconhecemos como “faltas” (Voltolini, 2011). Podemos exemplificar a falta de apoio da sociedade aos(às) professores(as) em relação às propostas educacionais; falta de retribuições; recompensas materiais e reconhecimento do *status* (Zaragoza, 1999). Podemos considerar tais exemplos como uma precariedade material do mal-estar, como alcinha Fanizzi (2023) no seu livro sobre o sofrimento docente.

Oliveira (2006), em seu estudo sobre o mal-estar docente como fenômeno da modernidade, afirma que há dois fenômenos sociopolíticos indicadores de mal-estar entre os(as) professores(as): a proletarização do professorado e a feminilização do magistério. Segundo a autora, o primeiro indicador remete a três

aspectos principais, que basicamente são o não reconhecimento da escola como um “real” local de trabalho, ou seja, institui uma perda de identidade do(a) trabalhador(a); as longas jornadas de trabalho; e as condições de trabalho. Já o segundo indicador refere-se ao fato de o trabalho no magistério ser visto na sociedade patriarcal como uma extensão do trabalho doméstico. Essa visão deturpada do “ser professor(a)” é debatida por Prado *et al.* (2013), quando abordam que essa crise de identidade passa pela imagem historicamente disseminada e vinculada à ideia de que o(a) professor(a) seria uma extensão da família, tendo como “vocação” a dedicação ao cuidado e ao zelo do bem-estar de crianças e jovens. Essa descaracterização e desprofissionalização são desafios apresentados à classe docente.

Lopes, Wittizorecki e Molina Neto (2021) investigaram o trabalho docente em Educação Física no transcurso da implantação das políticas educacionais contemporâneas no estado do Rio Grande do Sul (RS). Ao pesquisarem um grupo de professores(as) de Educação Física, os autores perceberam que esse grupo expressou medos e angústias diante de incertezas das políticas educacionais do RS, como a diminuição de carga horária da disciplina de Educação Física no Ensino Médio, por exemplo.

Dessa maneira, passamos a compreender que por meio de todas as adversidades e precarizações enfrentadas pelo(a) professor(a) de Educação Física na contemporaneidade, os(as) docentes se deparam com pensamentos de abandono da carreira. É nesse sentido que nos apoiamos no estudo de Guy Standing (2014) sobre uma nova classe de trabalhadores(as) que o autor chamou de “precariado”. Esse verbete tem como conceito aqueles(as) trabalhadores(as) temporários(as) e sem uma segurança de vínculo trabalhista. Contudo podemos ampliar esse conceito para os(as) professores(as), visto que é uma classe com alta taxa de rotatividade, condições insatisfatórias de trabalho, baixos salários e vínculos precários de trabalho, principalmente os(as) que trabalham em regime de contrato temporário no setor público (Silva; Motta, 2019). Ainda de acordo com Standing (2014), os(as) trabalhadores(as) que se encaixam no precariado sofrem dos “quatro As”, que, traduzido do inglês, seriam: raiva, anomia, ansiedade e alienação. Portanto, professores(as), de modo geral,

carregam consigo esses sentimentos, visto as inseguranças com as quais convivem.

Ainda vale mencionar que Pereira (2016) destaca que os(as) professores(as) enfrentam um ambiente de trabalho extremamente estressante devido fatores como a falta de apoio administrativo, o excesso de trabalho, entre outros. Entretanto são as políticas educacionais que causam maiores agravos nessa situação, impactando negativamente tanto a saúde dos(as) docentes quanto a qualidade da educação oferecida.

O sofrimento docente acomete, de alguma maneira os(as) professores(as), independentemente da área. Todavia, ao direcionarmos nosso olhar para o campo da Educação Física, buscamos entender quais queixas e padecimentos estão presentes entre os(as) docentes dessa área. Porém, desejamos dialogar sobre problemáticas atuais da Educação Física escolar e que estão sendo vivenciadas tanto na escola pública como na escola privada, que é a Educação Inclusiva na educação básica, na qual vem se tornando cada vez mais presente na rotina e na queixa dos(as) professores(as).

3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Pensar a Educação Inclusiva é, antes de tudo, um exercício bastante complexo de percepção dos processos históricos de exclusão forjados pela instituição escolar em articulação às práticas e aos padrões sociais hegemônicos construídos culturalmente e atualizados em cada contexto histórico. Nesse sentido, a educação tem enfrentado, nos últimos anos, um de seus maiores desafios: promover uma Educação Inclusiva e de qualidade que respeite e valorize as diferenças. Sabemos que a escola determina, conceitualmente, que todos(as) os(as) estudantes, sem exceção, devam ter participação da vida acadêmica, em escolas ditas regulares, onde deve ser desenvolvido, indiscriminadamente, um trabalho pedagógico que inclua todos(as) (Carvalho, 1998).

A Educação Inclusiva, que, tradicionalmente, se organizou como prática educativa segregada e substitutiva ao ensino regular em escolas e classes

especiais, tornou-se um movimento político mundial em prol da universalização do direito à educação. E, assim, mantemos a convicção de que a percepção sobre a suposta “crise” da escola, a partir da constatação de seus processos históricos de exclusão em contraponto à afirmação da diversidade e da Educação Inclusiva como princípios inerentes aos direitos humanos, constitui-se como potencial fator desencadeador de mudanças capazes de alterar substancialmente a instituição escolar (Haas, 2021).

Ao pensar o tema da Educação Inclusiva, concordamos com Carine (2023) quando define a inclusão como uma pedagogia da implosão. Ou seja, a autora sugere que, muitas vezes, a inclusão é tratada como um simples ato de “colocar o diferente para dentro” de um sistema ou espaço preexistente, sem realmente questionar ou transformar as estruturas já estabelecidas. Nesse contexto, a implosão pode significar a necessidade de desconstruir ou reformular essas estruturas para que elas sejam genuinamente capazes de acolher a diversidade em toda a sua complexidade e subjetividade, em vez de apenas adicioná-la superficialmente. É uma provocação para pensarmos se as práticas de inclusão atuais são realmente transformadoras ou se apenas perpetuam as desigualdades sob uma aparência de diversidade.

Essas principais mudanças nos remetem a pensar o mal-estar docente e a Educação Inclusiva, com foco no que experienciam os professores de Educação Física da rede pública e privada, frente às distintas dificuldades e desafios relacionados tanto a essa precariedade material, que é de conhecimento geral, como também de uma precariedade simbólica, isto é, o lugar precário hoje ocupado pelos(as) professores e professoras no imaginário social (Fanizzi, 2023). Diante disso, Krug *et al.* (2021) apontam, em seu estudo sobre Educação Física e Educação Inclusiva que as principais marcas docentes negativas estão diretamente ligadas ao despreparo do(a) professor(a) de Educação Física para trabalhar com a inclusão escolar, a não participação dos(as) alunos(as) inclusos(as) nas aulas de Educação Física e à estrutura da escola/sistema educativo.

Em vista disso, segundo Laplane (2006), o objetivo de tornar a educação acessível a todos(as), se depara com a rigidez do sistema educacional, com a

tendência à homogeneização e com a preocupação em atingir um alto desempenho. Portanto, Dutra, Silva e Rocha (2006) colocam a formação dos(as) professores(as) como primordial para se iniciar e caracterizar a escola inclusiva. No sentido de que cabe ao(à) docente preparar os estudantes para conviverem com a heterogeneidade, e é justamente a diferença que propicia a troca de experiências e o aprendizado.

Podemos aqui destacar que, em nossos contextos escolares, percebemos que, nos últimos anos, houve um aumento considerável de docentes e estudantes com algum tipo de laudo médico. No entanto compreendemos que esse movimento pode estar estritamente vinculado ao controle, ao ajuste e à correção dos corpos mediante o pressuposto de um ideal corponormativo ou de corponormatividade¹.

Ao nos depararmos com um número elevado de estudantes laudados(as), compreendemos que há uma predominância do modelo médico com uso do laudo como forma de comprovação, reconhecendo o dispositivo do parecer médico e da medicalização, que provoca um fenômeno atual e que demanda outro trabalho para o professorado (Pletsch; Paiva, 2018).

Assim como os(as) estudantes, também se constata o aumento de laudos apresentados por docentes e comprovações médicas mediante os sofrimentos que os(as) acometem. Isto é, o mal-estar do professorado só será válido se um médico atestar isso. Goulart (2003) corrobora o que pensamos ao afirmar que o atestado médico é um recurso utilizado como forma de identificar o sofrimento do(a) professor(a) e abrir possibilidade para fuga do trabalho, que é sua fonte de mal-estar. Entretanto o desafio está na constituição de um espaço em que esse(a) docente possa expressar seus sofrimentos, se ver, se reconhecer e se manter como sujeito no trabalho.

¹ Conforme Anahi Guedes de Mello e Adriano Nuernberg (2012), corponormatividade é um pressuposto utilizado para a afirmação de padrões hegemônicos funcionais e corporais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão deste escrito foi a de discutir o mal-estar docente e sua relação com a Educação Física e a Educação Inclusiva, mediante as experiências vivenciadas e estudadas dos(as) autores(as). Por meio dessa reflexão, entendemos que a discussão não termina aqui.

Como já exposto neste texto, vivemos em um mundo em constante mudança e, conseqüentemente, com frequentes mal-estares. Nesse sentido, a partir de nossas pesquisas e experiências como docentes, o foco deste artigo é o de anunciar o desafio da Educação Inclusiva para o professorado, sendo o discurso medicalizante e do laudo um dos fatores de mal-estar para os(as) docentes.

Entendemos que os processos de medicalização da educação afetam os(as) docentes, à medida que atuam como agentes que validam a autoridade dos saberes médicos em detrimento dos saberes pedagógicos; ao analisarem questões não médicas como questões médicas, buscando encontrar as causas e as soluções para supostos problemas comportamentais e/ou de aprendizagem de seus(suas) estudantes no campo médico.

É inegável que a Educação Inclusiva é de suma importância ao pensar no seu objetivo de tornar a educação acessível a todos. Entretanto, por meio de nossas próprias experiências, vamos percebendo o “uso” da inclusão como justificativa por parte das famílias e alunos(as) para determinados comportamentos ou dificuldades que, não necessariamente, têm ou deveriam ter algum diagnóstico, o que acaba por banalizar esse dispositivo.

Apostamos em estratégias e espaços de escuta como uma prática que promova a sensibilização e a reflexão sobre temas inerentes e presentes no cotidiano escolar. E, assim, podendo articular e trazer o tema do mal-estar docente para debate nas escolas. Consideramos que um dispositivo de escuta possa fazer parte de forma contínua na formação dos professores. Arendt (2004, p. 12) afirma que: “[...] os homens que vivem e se movem e agem neste mundo só podem experimentar o significado das coisas por poderem falar e serem inteligíveis entre si e consigo mesmos”. Ou seja, nós apreendemos sobre nossos

sofrimentos e mal-estares por termos a capacidade de nos comunicarmos e de nos entendermos uns aos outros e a nós mesmos. A comunicação, seja ela verbal ou não verbal, é fundamental para o diálogo, expressão de sentimentos e trocar experiências, permitindo construir e compartilhar significados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosivaldo Almeida; JESUS, Carolina Gomes de. Trabalho docente desafiado: concepções de escolarização em disputa no território da escola rural em Goiás. **Revista Geografia Literatura e Arte**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 84-104, 2024.

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BARBOSA, Andreza. *et al.* Tempo de trabalho e de ensino: composição da jornada de trabalho dos professores paulistas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, p. 1-20, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. 5. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

CARVALHO, Edler Rosita. **Temas em Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA Editora, 1998.

COUTINHO, Luciana Gageiro; AMARAL, Rebeca Espinosa Cruz; LANZETTA, Roberta Correa. A adolescência em face do apagamento da dimensão alteritária na educação e na cidade: da dor à política. In: Gurski, Rose; Lima, Nádia Laguárdia de. (org.). **Psicanálise, educação e política na universidade e na cidade**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2023, p. 83-96.

DUTRA, Rivana dos Santos; SILVA, Silvana de Souza Marques da; ROCHA, Regina Celi da Silva. A educação inclusiva como projeto da escola: O lugar da educação física. **ADAPTA-Revista Profissional da Sobama**, Presidente Prudente, Ano II, n. 1, p. 7-12, 2006.

ESTEVE, José Manuel. **El malestar docente**. 3 ed. Barcelona: Paidós, 1994.

FANIZZI, Caroline. **O sofrimento docente**. São Paulo: Contexto, 2023.

FARIA, Priscilla Menezes de; SÁNCHEZ, Amanda de Faria. Ateliê de mundos: políticas do tempo e sentidos da escola. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2024.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. *Obras Completas (1930-1936) – Volume 18, O Mal-Estar na Civilização – Novas Conferências Introdutórias e Outros Textos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020. (Trabalho original publicado em 1929).

FREUDENBERGER, Herbert. Staff burn-out. **Journal of Social Issues**, v. 30, n. 1, p. 159-165, 1974.

GOULART, Janete de Aquino. Afastamento para tratamento de saúde: sintoma institucional e recurso precário no enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho docente. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 372-394, 2003.

HAAS, Clarissa. Docência, escola e acessibilidade curricular em notas: as premissas ante os aprendizados da pandemia covid-19. In: HAAS, Clarissa (org.). **Cotidianos de inclusão escolar na educação básica e profissional a acessibilidade curricular como diretriz da ação pedagógica**. São Paulo, SP: Pedro & João Editores, 2021. p. 259-282.

KRUG, Hugo Norberto. *et al.* Inclusão escolar nas aulas de Educação Física na Educação Básica: marcas docentes. **Revista de Educação Inclusiva**, Campina Grande, v. 5, n. 1, p. 75-86, 2021.

KUHN, Pricila; TAUBE, Michelle Engers; CARLOTTO, Mary Sandra. Intenção de abandono profissional em professores brasileiros: revisão sistemática. **Revista Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 18, n. 3, 2024.

LAPLANE, Adriana. Uma análise das condições para a implementação de políticas de educação inclusiva no Brasil e na Inglaterra. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27 n. 96, Campinas, out. 2006.

LOPES, Rodrigo Alberto Lopes; WITTIZORECKI, Elisandro Schultz; MOLINA NETO, Vicente. Sobreviver aos evangelhos, esgotar as metafísicas: trabalho docente em educação física no transcurso de implantação das políticas educativas contemporâneas no estado do Rio Grande do Sul. In: FONSECA, Denise Grosso da. *et al.* (org.). **Trabalho docente em Educação Física: questões contemporâneas**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021. p. 161-178.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, p. 635-655, 2012.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 27-41, 2006.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. De que hoje padecem os professores da Educação Básica? **Educar em Revista**, Curitiba, n. 64, p. 71-87, 2017.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. “Deuses de prótese”: sobre os mestres de nossos tempos. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 82-107, 2006.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Os profissionais do impossível. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 485-499, 2013.

PLETSCH, Márcia Denise; PAIVA, Carla de. Por que as escolas continuam “laudando” alunos com deficiência intelectual?. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 63, p. 1039-1079, 2018.

PRADO, Alcindo Ferreira. *et al.* Ser professor na contemporaneidade: desafios da profissão. **Saber Revista Eletrônica. Londrina: INESUL**, v. 21, n. 1, p. 1-13, 2013.

RAVANELI, Bruno Luiz Lazaroto; BRÍGIDO, Edimar. A concepção de vontade, segundo a filosofia de Arthur Schopenhauer. **Revista Ratio Integralis**, Campanha, v. 3, n. 1, p. 64-81, 2023.

RICOEUR, Paul. **O mal**: um desafio à filosofia e à teologia. Campinas: Papirus, 1988.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209-222, 2005.

SANTOS, Yara Magalhães dos. Do mal-estar social ao mal-estar docente: contribuições da Psicanálise. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 60, p. 127-146, 2020.

SILVA, Amanda Moreira da; MOTTA, Vânia Cardoso da. O precariado professoral e as tendências de precarização que atingem os docentes do setor público. **Roteiro**, Joaçaba, v. 44, n. 3, p. 1-20, 2019.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ZARAGOZA, José. Manuel. **O mal-estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.